

CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS CANÔNICAS E NÃO CANÔNICAS DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Canonic and non-canonic comparative constructions of contemporary Portuguese

Letícia Martins Monteiro de Barros (UFF)

Resumo

Este trabalho visa a apresentar, à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), um panorama sincrônico geral das diferentes construções comparativas do português contemporâneo, as quais incluem formas canônicas, mais facilmente identificáveis no discurso, e não canônicas, isto é, aquelas que fogem ao padrão contemplado pelas gramáticas, mas que, ainda assim, estabelecem uma relação de comparação. Por se tratar de uma pesquisa inicial, pretende-se apenas evidenciar a diversidade no que tange às construções comparativas da língua portuguesa e a possível insuficiência de análises gramaticais adequadas capazes de abranger tamanha variedade verificada na língua em uso. As gramáticas normativas tradicionais, por exemplo, costumam tratar as orações comparativas como uma subcategoria da subordinação adverbial, além de não estender suas análises aos casos não canônicos. Esse tratamento, no entanto, é considerado insatisfatório por autores como Oiticica (1952), Módolo (1999, 2008) e Castilho (2012), os quais, em suas obras, mostram uma problematização sobre a rígida separação entre coordenação e subordinação e propõem, ainda, diferentemente das gramáticas tradicionais, a existência de um processo que se mostra bastante produtivo e até mais adequado para explicar certas construções comparativas: a correlação. Esses autores revelam o caráter de interdependência entre as orações comparativas cuja estrutura encontra-se vinculada estreitamente por conjunções apresentadas paralelamente, um conectivo em cada oração. Assim, sob a ótica da LFCU e da Gramática das Construções, pretende-se analisar estruturas produzidas no uso discursivo real, retiradas do *sitecorpusdoportugues.org*, considerando o pareamento forma-sentido e contrastando os exemplos encontrados com a literatura disponível sobre esses tipos de construções, a fim de verificar se eles são contemplados pelas análises já existentes.

Palavras-chave: Construções comparativas; Linguística Funcional Centrada no Uso; Estruturas canônicas e não canônicas; Correlação.

Introdução

Os dicionários eletrônicos *Aurélio* e *Houaiss* de língua portuguesa definem o termo *comparação* como um cotejo, um confronto entre duas ideias ou coisas que leve ao estabelecimento de diferenças e/ou semelhanças a respeito dos itens comparados. Para que se estabeleça uma comparação, é necessário, portanto, que haja no mínimo dois elementos cujas características vão ser contrastadas de modo a estabelecer, dentro de um contexto, uma função discursiva.

A todo momento, em meio às suas interações comunicativas, os usuários de uma língua se valem do recurso da comparação para se expressarem e para serem mais bem compreendidos por seus interlocutores. No entanto, apesar de sua importância e de sua

frequência de uso, a estrutura comparativa não recebe um tratamento adequado pelas gramáticas tradicionais da língua portuguesa, tendo em vista a simplificação exagerada e o laconismo das descrições. No que tange à classificação de orações, essas obras geralmente consideram apenas dois processos (a coordenação e a subordinação), que estariam rigidamente separados com base em critérios de (in)dependência semântica e/ou sintática. Nesse contexto, a comparação acaba sendo abrigada dentro do escopo das subordinadas adverbiais e, com isso, a diversidade das construções comparativas observadas no uso não é contemplada de modo adequado.

Esse tratamento é considerado insatisfatório por autores como Oiticica (1952), Módolo (1999, 2008), Castilho (2012) e Rosário (2018), os quais, em suas obras, mostram uma problematização sobre a rígida separação entre coordenação e subordinação e propõem, ainda, diferentemente das gramáticas tradicionais, a existência de um processo que se mostra bastante produtivo e até mais adequado para explicar certas construções comparativas: a correlação. Esses autores revelam o caráter de interdependência entre as orações comparativas cuja estrutura encontra-se vinculada estreitamente por conjunções apresentadas paralelamente, um conectivo em cada oração.

Este artigo está dividido em cinco seções. A primeira traz uma breve explicação sobre a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), perspectiva teórica adotada para o desenvolvimento deste trabalho, bem como alguns conceitos-chave importantes para a análise do objeto selecionado, as construções comparativas canônicas e não canônicas do português. A segunda seção apresenta o tratamento dado pelas gramáticas tradicionais às construções comparativas da língua portuguesa. A terceira mostra a correlação como um processo com características próprias que o diferenciam da subordinação e da coordenação. Na penúltima seção, é mostrada a proposta de Rodrigues (2002) para o tratamento das construções comparativas – incluindo tanto as canônicas quanto as não canônicas. Ainda nessa parte, apresentam-se dados retirados do *Corpus do Português*¹ e uma breve análise de estruturas comparativas que não se encaixam em nenhuma das propostas ainda realizadas para a organização da comparação. Por fim, na seção *Resultados*, será apresentada uma breve descrição, a partir de análise qualitativa e quantitativa, da construção híbrida não canônica encontrada durante a coleta de dados.

1. Pressupostos teórico-metodológicos

¹<https://www.corpusdoportugues.org/>

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) nasce da união entre estudos e preceitos da Linguística Cognitiva e da Linguística Funcional, as quais consideram, em sua análise, não só a língua por si mesma, mas também os fatores externos, o contexto em que o discurso é realizado, a sua função e a própria experiência do falante no uso linguístico. Tem, portanto, como um dos princípios básicos o fato de que a estrutura linguística vai emergir do uso que é feito dela nas diversas situações comunicativas. Assim, as análises realizadas dentro dessa perspectiva teórica são realizadas a partir de dados reais encontrados em modalidades do discurso diversas.

Baseados nos pressupostos da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013), diversos estudos no âmbito da LFCU vão se fundamentar na ideia da língua como uma rede de construções que se encontram interconectadas. Cada construção seria constituída por um pareamento indissociável de forma e função, isto é, estrutura e significado, respectivamente. Assim sendo, entende-se que uma análise linguística profunda e satisfatória deve contemplar ambas as partes, integradas ao contexto em que são realizadas, de modo a observar não só questões formais, mas também semânticas e pragmáticas.

Acredita-se que a escolha do falante por uma construção em detrimento de outra também disponível na língua é influenciada pela cognição e pelo uso, atrelados a fatores socioculturais e discursivos, para atender a propósitos comunicativos. Dentro dessa perspectiva, cabe destacar o princípio da não-sinonímia de Goldberg (1995), o qual defende que diferenças sintáticas vão acarretar em diferenças semânticas ou pragmáticas.

Outro ponto fundamental da LFCU é a perspectiva de gradiência adotada em diversos campos de análise. Tendo como base a noção de categorização como um processo cognitivo básico, os estudos mais recentes dentro do funcionalismo linguístico aplicam essa noção de várias maneiras. Eleanor Rosch, ao ir de encontro à perspectiva clássica sobre categorização, propõe a Teoria dos Protótipos (ROSCH, 1978), a qual sugere que a formação de categorias acontece, na verdade, como uma espécie de *continuum*, isto é, uma escala de gradiência, que se inicia a partir do elemento mais central, o mais prototípico², e vai ao mais periférico. Nessa perspectiva, as categorias não apresentam limites rígidos e bem definidos que as separam indubitavelmente umas das

² Por elemento mais prototípico, Rosch define “o mais claro dos casos de pertencimento a uma categoria definido operacionalmente pelo julgamento das pessoas sobre o melhor exemplar de membro da categoria” (ROSCH, 1978, p. 11).

outras; elas possuem, na verdade, limites difusos e podem, muitas vezes, sobrepor-se umas às outras.

Assim, voltada para o tratamento linguístico, a LFCU recorre a essa ideia de categorização para estabelecer, em vez de classificações rígidas e dicotômicas – ou uma coisa, ou outra –, uma análise que possa contemplar níveis diferentes de gradiência. Isso explicaria, por exemplo, a existência de construções que se encaixam em mais de uma classificação, processos que se sobrepõem e estruturas mais e menos prototípicas – umas mais canônicas, mais centrais que outras.

Conforme será mostrado ao longo desta pesquisa, tanto a noção de construção quanto a de categorização baseada no protótipo são indispensáveis para a análise das variadas estruturas comparativas encontradas no português. Antes de apresentar casos menos prototípicos, no entanto, é necessário que se apresentem o tratamento e as classificações dados pelas gramáticas tradicionais à construção comparativa.

2. As construções comparativas segundo as gramáticas normativas

As gramáticas normativas tradicionais costumam tratar as construções comparativas como uma subcategoria da subordinação adverbial, além de não estender suas análises aos casos não canônicos – a maioria, se cita algum caso à margem do padrão, faz apenas breves observações. Nesse sentido, autores como Bechara (2009), Cunha & Cintra (2016) e Rocha Lima (2017), por exemplo, afirmam o seguinte:

GRAMÁTICOS	E O QUE DIZEM
ROCHA LIMA (2017)	“A comparação se realiza, no plano do período composto por subordinação, mediante uma construção de dois membros em que um é posto em cotejo do outro” (p. 348).
CUNHA & CINTRA (2016)	“Segundo a conjunção ou locução conjuntiva que as encabece, [as orações subordinadas adverbiais] classificam-se em [...] COMPARATIVAS, se a conjunção é subordinativa comparativa” (p. 619-621).
BECHARA (2009)	“As subordinadas adverbiais do 2º. grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente” (p. 473).

Quadro 1: construções comparativas segundo as gramáticas tradicionais

O quadro acima oferece uma amostra do tratamento das construções comparativas segundo as gramáticas tradicionais. Rocha Lima e Bechara reconhecem a particularidade da estrutura correlata da comparação em relação às demais orações subordinadas adverbiais, sem, no entanto, classificá-la como um processo à parte. Segundo eles, há dois tipos fundamentais de oração subordinada adverbial comparativa: as assimilativas, apresentadas pela conjunção *como*, equivalentes à oração modal *do mesmo modo que*; e as quantitativas, pelas quais se estabelece um confronto entre “fatos semelhantes (comparação de igualdade), ou fatos dissemelhantes (comparação de superioridade, ou de inferioridade)” (Rocha Lima, 2017, p. 349). Esse segundo tipo apresentaria o que Rocha Lima chama de “fórmulas correlativas”, ou seja, dois elementos que aparecem paralelamente, em cada uma das orações.

Bechara, por sua vez, defende que, em orações como “*Janete estuda mais que trabalha*” (2009, p. 473), a oração subordinada se encontra presa ao advérbio de intensidade, e o conjunto que estabelece a comparação – “*mais que trabalha*” – funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*. De acordo com o autor, “o caráter do adjunto, portanto de termo não argumental [...], se manifesta pelo fato de se poder eliminar [...] a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior” (p. 474), como é possível observar em “*Janete estuda mais*”.

De uma forma bastante simplificada, tais gramáticos oferecem, ainda, uma lista com as principais conjunções ou locuções conjuntivas que podem ser encontradas em orações subordinadas adverbiais comparativas. Os autores se detêm a exemplos mais canônicos – com a exceção de *que nem*, apresentado por Cunha e Cintra –, como se observa no quadro a seguir:

GRAMÁTICOS	CONJUNÇÕES OU LOCUÇÕES CONJUNTIVAS
ROCHA LIMA (2017, p. 237)	“ <i>Que, do que</i> (relacionados a <i>mais, menos, maior, menor, melhor, pior</i>); <i>qual</i> (relacionado a <i>tal</i>); <i>como</i> (relacionado a <i>tal, tão, tanto</i>); <i>como se, etc.</i> ”.
CUNHA & CINTRA (2016, p. 602)	“ <i>Que, do que</i> (depois de <i>mais, menos, maior, menor, melhor e pior</i>), <i>qual</i> (depois de <i>tal</i>), <i>quanto</i> (depois de <i>tanto</i>), <i>como, assim como, bem como, como se, que nem.</i> ”
BECHARA (2009, p. 326-327)	Assimilativas: “ <i>como</i> ou <i>qual</i> , podendo se correlacionar com <i>assim</i> ou <i>tal</i> postos na oração principal, ou ainda aparecer <i>assim como</i> ”. Quantitativas: <u>igualdade</u> (<i>como</i> ou <i>quanto</i> em correlação com o advérbio <i>tanto</i> ou <i>tão</i> da oração principal); <u>superioridade</u> (<i>que</i> ou <i>do que</i> em

	correlação com o advérbio <i>mais</i> da oração principal); <u>inferioridade</u> (<i>que</i> ou <i>do que</i> em correlação com o advérbio <i>menos</i> da oração principal).
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 2: As principais conjunções comparativas segundo as gramáticas normativas

Ao abordarem as orações comparativas dessa forma, abrigando-as no escopo das orações adverbiais – desconsiderando suas particularidades e suas diferenças em relação às demais e mostrando, em sua maioria, apenas os casos canônicos –, as gramáticas tradicionais se mostram simplistas, prezando, na maioria das vezes, muito mais a forma do que o sentido das construções linguísticas. Assim, costumam apontar soluções para casos mais simples e se abstêm sempre que possível de casos que vão de encontro às suas proposições. Em outras palavras, em virtude de sua proposta de normatização, tais obras evidenciam o padrão formal, canônico e mais abrangente, em detrimento da diversidade verificada no uso. É o que se pode observar, por exemplo, no reconhecimento de apenas dois processos no tratamento das orações: a coordenação e a subordinação, o que se mostra bastante simplório e insuficiente para abrigar casos não canônicos.

3. A correlação

Para Oiticica (1952), Módolo (1999, 2008), Castilho (2012) e Rosário (2018), o tratamento destinado às construções comparativas se mostra insatisfatório, pois não é capaz de abranger adequadamente a variedade de usos linguísticos constatada no discurso. Em suas obras, esses autores criticam a separação rígida entre coordenação e subordinação e a seleção desses dois únicos processos para classificar uma série de estruturas linguísticas que parecem não poder ser agrupadas dentro de um mesmo escopo devido à sua diversidade.

Oiticica, em sua obra *Teoria da Correlação* (1952), reconhece a existência de, pelo menos, quatro processos: a coordenação, a subordinação, a correlação e a justaposição. Por coordenação, o autor entende a relação entre orações que são autônomas, isto é, possuem “declaratividade total” e podem ser separadas, estando ligadas por conjunções “meramente aspectuais” (p. 16-17). Por subordinação, entende a organização do período em que uma oração depende da outra para atingir seu *status* de declaratividade, e ambas encontram-se “presas” por um só conectivo. (p. 20). No que tange à correlação, Oiticica explica que, nesse tipo de estrutura, as orações são ligadas não por um, mas dois termos conectivos. Dessa forma, o conectivo expresso na primeira

oração automaticamente “força” o início da oração seguinte por seu correlato, de modo a conectar os sentidos expressos em cada uma delas.

Em relação à correlação em estruturas comparativas, Oiticica (1952), Módolo(1999, 2008) e Castilho (2012) evidenciam a relação de interdependência que se estabelece entre os elementos comparados, fortalecida pelo uso de conectivos dispostos de forma correlata, paralela, ou seja, um em cada oração, como se pode observar nos dados a seguir:

- (1) “Também nestes casos, em que os donos passam muitas horas do dia fora de casa, ou que o cachorro irá viver do lado de fora, é mais aconselhável escolher uma raça que seja naturalmente **mais independente do que** outras. Só não vale depois ficar reclamando que o cachorro não liga muito pro dono e prefere o caseiro.”

Fonte: <https://www.bitcao.com.br/blog/voce-esta-preparado-para-ter-um-cachorro/>

- (2) “Esta é uma das razões por que muitos crentes estão sofrendo **tão dolorosamente quanto** as infelizes pessoas mundanas: Deus está insatisfeito com os caminhos deles e não se mostra forte para com eles (2 Cr 16.9).”

Fonte: http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/56/Santidade_Pratica

- (3) “Os efeitos da fumaça da maconha sobre os pulmões são **muito menos problemáticos do que** aqueles associados com o tabaco”

Fonte: <http://2012umnovodespertar.blogspot.com.br/2012/07/o-outro-lado-da-maconha-que-ninguem-fala.html>

Os três casos acima são considerados, na visão de Oiticica, exemplos em que as orações são organizadas por correlação. Como se pode observar em (1), o conectivo *mais* na primeira parte da estrutura comparativa pressupõe a existência de um outro conectivo (nesse caso, o *do que*) que a une ao segundo elemento comparado. Trata-se de uma comparação de superioridade. Em (2), é estabelecida uma comparação de igualdade por meio da correlação entre os conectivos *tão* e *quanto*, os quais são utilizados paralelamente, um em cada parte do período, para ligar os elementos comparados. Por fim, em (3), nota-se uma comparação de inferioridade, evidenciada pela correlação dos conectivos *menos* e *do que*. Em todos os casos, a presença do primeiro correlativo demanda a existência do segundo para que se estabeleça o sentido completo, ou, nas palavras de Oiticica, a “declaratividade total” da sentença.

Sendo assim, para casos como os apresentados acima, propõe-se considerar o critério de interdependência, verificado em diversas construções da língua em uso (como as comparativas, por exemplo), e a existência de um processo que não se encaixa nem dentro da coordenação nem da subordinação num sentido tradicional. A correlação se mostra como um fenômeno à parte bastante relevante na organização do discurso e da argumentação. Vale lembrar, no entanto, que a Linguística Funcional Centrada no Uso, abordagem utilizada neste trabalho, reconhece que as categorias possuem limites difusos, podendo mesclar-se umas com as outras. Esse pensamento, como será mostrado na seção a seguir, vai ser essencial para a análise dos dados menos prototípicos encontrados nesta pesquisa.

4. As construções comparativas

Levando em conta a indissociabilidade do pareamento forma-função e o princípio da não-sinonímia de Goldberg (1995), uma análise das construções comparativas deve contemplar a estrutura tal como é encontrada no uso, bem como as funções a que serve dentro dos contextos comunicativos. Observa-se, entretanto, uma tendência nas gramáticas normativas de formular hipóteses sobre itens supostamente elididos, a fim de conseguir encaixar a comparação dentro dos moldes de um período composto, isto é, formado por duas ou mais orações (com dois ou mais verbos).

Neste trabalho, concorda-se com Rodrigues (2002) quando a autora afirma que o termo *construção comparativa* parece mais adequado que *oração comparativa*, uma vez que este não se mostra capaz de abranger a variedade das instanciações no âmbito da comparação, as quais incluem estruturas oracionais e não oracionais.

No que tange às construções comparativas do português, Rodrigues (2002) propõe que elas estejam divididas em quatro grupos: a) construção comparativa não oracional correlata; b) construção comparativa não oracional não correlata; c) construção comparativa oracional correlata; e d) construção comparativa oracional não correlata.

No primeiro grupo, entrariam construções com conjunções correlatas e verbo em apenas uma das partes, como nos casos (4) e (5).

- (4) “[...] minha tese é que a Idade Média, por ter durado seu milênio, **teve muito mais influência do que o Barroco.**”

- (5) “Sobre o futuro da possível franquia, Christopher Nolan disse que **está se concentrando mais no game do que em uma sequência**, o que não descarta”.

<https://100grana.wordpress.com/2010/12/01/christopher-nolan-fala-sobre-o-final-de-a-origem/>

No segundo, estariam as construções que não apresentam correlação, isto é, a disposição paralela de conectivos, e que possuem verbo em apenas uma das partes comparadas, tais quais (6) e (7).

- (6) “O tempo **corre como um cavalo louco**”.

http://lume-brando.blogspot.com/2010_03_01_archive.html

- (7) “**Também chorei feito um bebê com o final**, e já sinto falta da série”.

<http://ww17.naodiga.com/saiba-como-terminou-a-sexta-temporada-de-lost-the-end/>

O caso (7) não representa um caso prototípico do português, uma vez que o termo *feito*, que se comporta como uma conjunção comparativa, não é considerado um conectivo padrão nessa língua. Constitui, portanto, um exemplo de construção comparativa não canônica.

Exemplos pertencentes ao terceiro grupo, das comparativas oracionais correlatas, incluem tanto os conectivos emparelhados quanto verbos em cada uma das partes da construção, como verificado em (8) e (9).

- (8) “Em outras palavras, a China moderna, como uma potência mundial, é **incomparavelmente mais forte do que era no século 18 mais cedo**.”

<https://agendaglobal21.wordpress.com/2012/03/13/china-ascensao-e-queda-como-potencia-global-a-historia-e-o-futuro/>

- (9) “Eu, porém, não peguei maravilhosas promoções e **acabei gastando maisdo que queria**.”

<http://allstarejeans.blogspot.com/2013/09/o-que-temos-de-bom-por-ai-bienal-2013.html>

Por fim, no último grupo, encontram-se as construções comparativas oracionais não correlatas, cujos exemplos são sentenças dos tipos abaixo:

- (10) “PORÉM, nem todos os defeitos são admissíveis, é **que nem disse no texto**, se não for ‘falta de caráter’ tudo bem, só acho que tem muita gente que erra por falta de noção [...]”.

<http://www.pergunteaumamulher.com/2013/03/por-que-e-tao-dificil-encontrar-pessoa.html>

- (11) “Você promete a si mesma, até consegue por um dia ou dois, mas depois tudo **volta como era antes**”

<https://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/coisas-em-voce-que-nao-mudam/>

A proposta de Rodrigues (2002) mostra-se mais coerente em relação à variedade de construções comparativas encontradas no uso. No entanto, no decorrer desta pesquisa, foram encontrados dados marginais e não canônicos da relação comparativa, realizada sem a utilização de conectores padrões e que, por essa razão, não se encaixam em nenhum dos grupos propostos pelos autores. É o caso, por exemplo, da construção seguinte:

- (12) “Todos somos criados com diferentes habilidades. Somos feitos para desempenhar usos diferentes em o reino eterno de o Senhor. Algumas criaturas **são menos robustas**; outras **são fortes e sadias**. Algumas **são retraídas e menos comunicativas**; outras **são alegres e animadas**.”

Fonte: <http://24.229.2.221/sermoes/39.html>

Como se pode observar, é estabelecida no exemplo (12) uma relação comparativa entre duas partes: por um lado, criaturas menos robustas e, por outro, criaturas fortes e sadias. A relação comparativa se estabelece sem a utilização de conectivos canônicos, configurando uma construção justaposta. Para construir a comparação, de fato, o autor utiliza os indefinidos *algumas* e *outras*, que funcionariam como correlatores (Rosário, 2018) entre essas sentenças oracionais, o advérbio *menos* e alguns adjetivos que estabelecem contraste.

O mesmo pode acontecer em construções não oracionais, conforme se observa no caso (13), em que os indefinidos *uns* e *outros* ajudam a estabelecer uma relação correlativa. Ao mesmo tempo, configura-se uma comparação, reforçada pelo paralelismo desencadeado pelo uso dos advérbios *mais* e *menos*. Nesse caso, não há nem conectivos canônicos nem verbos nas sentenças em que a comparação é construída.

- (13) “A Loja Mestre Affonso Domingues tem prosseguido vários projetos ao longo da sua existência, uns com mais êxito, outros menos bem conseguidos, uns mais visíveis, outros mais modestos.”

Fonte: <https://a-partir-pedra.blogspot.com.br/2012/06/regras-gerais-dos-macons-de-1723-viii.html>

Propõe-se, nesta pesquisa, que haja uma construção dentro do escopo das comparativas que reúna tanto propriedades da correlação quanto da justaposição, estabelecendo-se como uma construção híbrida. Diferentemente das comparativas canônicas, tal construção se encontra à margem do esquema e é formada por dois indefinidos correlacionados, seguidos de elementos que estabelecem contraste. Esses itens contrastivos podem, além de intensificadores, conforme mostrado nos exemplos acima, ser adjetivos opositivos, como encontrado em (14):

- (14) “E o que dizer de nossos sons em mistura com os de outras pessoas? Uma orquestra... Quantos instrumentos diferentes... Cada um de um jeito, uma altura, uma estrutura, um som. Uns mais delicados, outros mais fortes; uns graves, outros agudos; uns suaves, outros mais grosseiros, mas todos com sua função, seu papel”.

<https://mafaldacrescida.wordpress.com/2004/02/>

Foram encontrados, também, casos em que a relação comparativa se exerce a partir do contraste de duas ações, muitas vezes uma negando a outra com o auxílio do item *não*:

- (15) “Cada processo eletrônico no país tem suas regras, uns não publicam no diário oficial notas de expediente, outros publicam. Um intimam automaticamente, outros não”.

<http://www.justocantins.com.br/gustavo-rocha-18334-voltaremos-ao-papel.html>

Em (16), uma das formas de comparação acontece por meio do posicionamento correlacionado de dois verbos que estabelecem oposição, como no caso de *revelar* e *encobrir*:

- (16) “Em todas as aproximações ao absurdo, há uma forma de relacionar-se com o tema que também as conduzem a diferentes direções e posturas.

Uns optam por saídas claras, outros nem tanto. Uns explicam o absurdo às vezes sem sabê-lo, e outros tentam caracterizá-lo, explicando suas razões. Uns revelam, outros encobrem, uns simplesmente descrevem, outros conceitualizam”.

<http://www.claudiocarvalhoes.com/articles-pt-br/absurdo-em-albert-camus-por-claudio-carvalhoes/>

No caso (17), apresentado abaixo, a comparação se desenvolve por meio da colocação de dois advérbios de ideias opostas, *bem* e *mal*, que acompanham o verbo *dizer*.

(17) “Ai é, pensei, amanhã vou por um bocadinho de amarelo e castanho e no outro dia roxo e no outro prateado, vou esgotar o catálogo das cores, assim, concerteza vou agradecer a todos. Não, nem assim, cada vez eram mais os desagradados, mas decidi. Não volto a ser cinzento, ao menos assim todos me falam, **uns dizem bem, outros dizem mal**, uns gostam, outros não, quero lá saber”.

<https://josegoncalves.wordpress.com/2008/01/17/>

Conforme observado, esse tipo de construção é bastante marginal, tanto pelo seu caráter híbrido quanto pela ausência de conectores padrões. Desse modo, não há, ainda, uma classificação para os casos não canônicos. Na seção seguinte, serão apresentados resultados mais detalhados obtidos a partir da análise de 155 dados dessa construção híbrida.

5. Resultados

Neste trabalho, decidiu-se dividir as orações comparativas correlatas desse tipo híbrido em três categorias – diferentemente de Rodrigues (2002): oracionais, semioracionais e não oracionais. O primeiro grupo inclui construções com verbos em ambas as partes da estrutura correlacionada, como em (18); o segundo grupo, as construções com verbo em apenas uma das partes, situação verificada em (19); e o terceiro contempla as que não apresentam verbo, como em (20):

(18) “Unsgostam de correr riscos, outrospreferem uma vida mais tranquila”.

<http://5dias.net/2011/04/07/trabalhadores-de-todo-o-mundo-uni-vos/>

- (19) “«Paris, je t'aime» é feito de muitas histórias breves, que acontecem na cidade-luz onde tudo é possível e onde tudo tem um charme irresistível. Umassão felizes, outras não, umasfazem-nos rir, outras não, umasfalam de amor, outras não, umas são reais, quase todas são”.

http://dentrodocopovazio.blogspot.com/2007_02_01_archive.html

- (20) “Muitas igrejas tem a cidade de Braga. Muitas!Umas mais ricas, outras mais pobres. Umas maiores, outras mais pequenas. Umas mais antigas, outras mais modernas (quase todas são antigas)”.

<https://amateriadotempo.blogspot.com/2012/08/sao-frutuoso-de-montelios.html>

No que diz respeito às questões formais, os casos de (12) a (20)³, conforme já mencionado anteriormente, são estruturados da seguinte maneira: há pelo menos dois indefinidos (*uns, umas, algumas, outros, outras* etc.) posicionados de forma correlata, ligando as partes da construção comparativa, formada por, no mínimo, dois itens contrastivos. No entanto, estruturas como *uns... outros* não são reconhecidas tradicionalmente como conjunções correlativas; trata-se de correlatores (Rosário, 2018), os quais se encontram à margem da categoria de correlação comparativa, diferentemente de *mais... (do) que, menos... (do) que* e *tão... quanto*, por exemplo. Dessa forma, tais exemplos se aproximam também do processo de justaposição, cuja característica principal é a ausência de conectivos formais ligando duas ou mais partes de uma sentença.

Além disso, outra questão relativa à forma das estruturas de (12) a (20) é a presença ou não de verbo. As gramáticas tradicionais normalmente consideram dentro da subordinação adverbial comparativa apenas aquelas sentenças que apresentam, no mínimo, um verbo – no segundo elemento da comparação pode-se considerar o verbo como elidido, recuperável pelo contexto (ex.: “Você vai chorar tanto quanto Joe Biden [chorou] Quando Obama o surpreendeu com essa enorme honra.⁴”). Neste trabalho, no entanto, consideram-se as estruturas comparativas independentemente da presença de verbo. Seguindo essa proposição, verificou-se que, das 155 construções correlatas/justapostas comparativas iniciadas por indefinidos, coletadas no *Corpus do*

³Podem-se considerar tais casos híbridos também como aproximados das estruturas alternativas, as quais, como o nome propõe, apresentam, no mínimo, dois elementos emparelhados que estabelecem uma relação de alternância dentro do discurso.

⁴Fonte: <https://por.feminineclub.com/morning-buzz-14371>

Português, 95 apresentam uma estrutura não oracional; 37, semioracional; e 23, oracional.

Uma vez que a construção é um pareamento de forma-função, não se pode, nesta pesquisa, desconsiderar os aspectos funcionais das construções analisadas. Assim como as construções de (12) a (20), todos os demais casos coletados desse *corpus* apresentam um papel específico: fornecer informações adicionais, descrições ou explicações sobre algum item, geralmente previamente exposto. Como se pode constatar, a sua função pode ser comparada à de uma construção apositiva. Nos dados reunidos neste trabalho, assim como os apostos, as estruturas comparativas se encontram normalmente destacadas do resto do discurso, exercendo uma função complementar, acessória. Esse destaque, conforme verificado nos dados coletados, dá-se frequentemente de quatro maneiras: pelo uso de vírgulas, como em (21), de travessões, como mostrado em (22), de dois pontos, como em (23) e, finalmente, pelo “desgarramento” em relação a outras partes do texto, como em (24)⁵.

- (21) “Consegues imaginar uma experiência para perceberes o que se passa? Vamos fazer as nossas ‘poças’, umas maiores, umas menores, umas mais fundas outras menos fundas, umas ao sol outras à sombra”.

<http://coimbra.lip.pt/~cp/cab/agua/node19.html>

- (22) “Uma vez tendo começado, prepare-se para ouvir essa pergunta com frequência. Embora na Índia haja diferentes abordagens do yoga – um mais devocional, outro mais intelectual, etc. – quando se trata de posturas ou *asana*, estamos provavelmente falando de *hatha yoga*, que é o que a grande maioria ocidental chama de yoga”.

http://www.germinaliteratura.com.br/2008/india_jul2008.htm

- (23) “Em Hegel, a idéia produz o mundo, em seguida a natureza produz os homens, que, através de suas lutas e de seu trabalho, produzem, ao mesmo tempo, a história, o conhecimento e a consciência de si. Para Marx e Engles, o conceito de produção tem dois sentidos: um mais amplo, outro mais restrito e preciso”.

<https://journals.openedition.org/confins/6091>

⁵ Ver Decat (2004). A autora classifica esse tipo de estrutura, aparentemente “solta” no texto, quando apostos, como oração relativa apositiva. Segundo ela, esse tipo de organização configuraria uma estratégia de focalização e argumentação.

- (24) “A partir daqui andámos, sem destino definido, por muitas das ruas de Dubrovnik. Um **a subir**, outras a descer. Um **largas**, outras estreitíssimas. Muito bonito, Dubrovnik. Gostava de ter ficado mais tempo”.

<http://www.fotoviajar.com/croacia/guia-dubrovnik-croacia>

Em (21), a oração em destaque serve para fornecer maiores explicações sobre *poças* e como elas devem ser feitas. No caso (22), a construção entre travessões fornece uma informação extra sobre o *yoga*, indicando exemplos de abordagens dessa prática. Em (23), a construção que aparece depois dos dois pontos serve para definir os dois conceitos de *produção* que o autor menciona. Por fim, em (24), a porção destacada tem a função de descrever as ruas mencionadas previamente.

Com base no conteúdo apresentado, pode-se afirmar que o português contemporâneo apresenta diversas possibilidades, além das canônicas, de expressar a comparação. Essas diferentes formas vão desde o uso de conectivos mais marginais, dificilmente contemplados pelas gramáticas tradicionais, como *tipo* e *que nem*, por exemplo, a estruturas híbridas ainda não muito bem definidas nem sistematicamente estudadas, como as apresentadas nos casos (13) a (24).

Referências bibliográficas

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CASTILHO, A. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: The Oxford University Press, 2001.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2016.

DECAT, M. B. N. Orações relativas apositivas: SNs ‘soltos’ como estratégia de focalização e argumentação. Juíz de Fora: *Veredas*, v.8, n.1 e n.2, p.79-101, jan./dez. 2004. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap06.pdf>. Acesso em: ago/2018.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: CUP, 1995.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 53ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

MÓDOLO, M. (*Pré*) *publications: forskningogundervisning*. RomanskInstitut: AarhusUniversitet, Danmark, 1999.

_____. As construções correlatas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. vol. 2. São Paulo: Unicamp, 2008.

OITICICA, J. *Teoria da correlação*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.

RODRIGUES, V. As construções comparativas em língua portuguesa. *Revista GELNE*, vol. 4, nº 1, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9146>> Acesso em: ago/2018.

ROSÁRIO, I. C. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. Niterói: Eduff, 2018.

ROSCH, E. Principles of Categorization. In: ROSCH, E. & LLOYD, B. B. (eds.), *Cognition and Categorization*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1978, p. 27-48.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Abstract

This work aims to present, under the perspective of the Usage-Based Functional Linguistics (UBFL), a synchronic overview of the different comparative constructions in contemporary Portuguese, which include canonic forms, more easily identifiable in discourse, and non-canonic, that is, those which diverge from the standard forms that are contemplated by the grammars, but still establish a comparison relationship. Because it is an initial research, it is only intended to show the diversity in regards to comparative constructions in Portuguese and the possible insufficiency of adequate grammatical analysis that are capable of including such variety that is found in the language in use. Traditional normative grammars, for example, usually treat the comparative clauses as a subcategory of adverbial subordination, and they do not extend their analysis to non-canonic cases. This treatment is considered insufficient by authors such as Oiticica (1952), Módolo (1999, 2008) and Castilho (2012), who, in their work, show the problem of the rigid separation between coordination and subordination, and propose still, differently from the traditional grammars, the existence of a process that is quite productive and even more appropriate to explain certain comparative constructions: the correlation. These authors reveal the interdependency factor among the comparative clauses whose structure is closely linked by conjunctions disposed in a parallel manner, a connective in each clause. Thus, under the perspective of the UBFL and the Construction Grammar, it is intended to analyze the structures that are produced in real speech, withdrawn from the webpage corpusdoportugues.org, considering the pairing form-meaning and contrasting the examples with the literature available about these types of

constructions, in order to verify whether they are contemplated by the existing analysis or not.

Keywords: Comparative constructions; Usage-Based Functional Linguistics; Canonic and non-canonic structures; Correlation.